



MEMÓRIA ESCOTEIRA

Informativo Oficial do Centro Cultural do Movimento Escoteiro

ANO XXI - nº 102 - Janeiro a Abril de 2025

DIPLOMAÇÃO NA ASSEMBLEIA DO CCME



Aconteceu a Assembleia Geral Ordinária do CCME no dia 26 de março de 2025, no auditório da Diretoria de Portos e Costas. A reunião foi presidida pelo Almirante-de-Esquadra Marcelo Francisco Campos e contou, na formação da mesa, com o presidente do CCME, Andre Torricelli, e o Presidente Nacional da União dos Escoteiros do Brasil, Ivan Nascimento. Além do cumprimento da pauta o final do evento guardou a tão esperada diplomação dos alunos dos cursos de férias do CCME, sendo eles o Curso de Violão, o Curso de Oceanografia e o de Primeiros Socorros.

Logo em seguida o presidente nacional da UEB visitou a exposição do Centenário dos Escoteiros Andantes de Natal. Chefe Ivan também é um potiguar tal como os jovens que fizeram o raid há cem anos atrás.

Fotos históricas dos 100 anos do 3º GE
Católico São Pedro de Cascadura.
Veja matéria na

Pág.
2



100 anos do
3ºGE Católico
São Pedro de
Cascadura

Pág. 2

BANOR passa
por revitalização

Pág. 3

Curso de
Oceanologia ensina
e consolida os
conhecimentos
sobre o mar

Pág. 4

Cursos oferecidos
pelo CCME

Pág. 5

O PREÇO DA
VITÓRIA – 1927
Gelmirez de Mello

Pág. 6 e 7

Centenário do
Guia do Escoteiro

Pág. 8



DO 3º GRUPO ESCOTEIRO CATÓLICO SÃO PEDRO DE CASCADURA

Já existia o escotismo nos bairros de Cavalcanti e Cascadura desde 1915 com escoteiros patrocinados pela prefeitura. Com o fim do patrocínio e a criação da Paróquia em 1920, o Frei Benigno Van Osch OFM convida o Sr. Manoel Paulino de Oliveira e o Tenente Médico Tito Ascoly de Oliva Maya para formar uma Associação de Escoteiros Católicos na Igreja do Santo Sepulcro/São Pedro, em Cascadura. No dia 05/04/1925 aconteceu, portanto, a fundação do 3º Grupo Escoteiro Católico São Pedro de Cascadura, em Cavalcanti, subúrbio do Rio de Janeiro. Em 1945, o Grupo foi um dos primeiros a ter uma tropa sênior no Brasil, ocasião em que o Chefe Geraldo atuava no assunto conjuntamente com o Dr. João Ribeiro dos Santos.

Em 30/08/1952, um acontecimento terrível marca a história do 3º GEC com a morte por afogamento na praia de ramos, aos 17 anos, do escoteiro Ivan Pereira de Sá num dia de semana depois da escola. Nascido em 02 de Junho de 1935, Ivan ingressou no Grupo Escoteiro em 18 de maio de 1950 tendo sido monitor da Patrulha Onça, sênior e chegando a fazer curso para Akela. Muito querido por todos teve seu nome imortalizado na Alcatéia onde mantém-se sua memória viva.



Geraldo Hugo Nunes

Um dos chefes mais expoentes da história do Grupo foi **Geraldo Hugo Nunes**, que ficou conhecido por se dedicar também a Região Escoteira do Rio de Janeiro, onde deixou um grande legado de trabalho, como a coordenação da campanha financeira que adquiriu a Sede Regional na Rua Rodrigo Silva, nº 18. Foi um entusiasta na compra do Campo Escola de Magé que leva seu nome. Dele também foi a ideia do

percentual de repasse da bilheteria do Maracanã ocasião em que convenceu o vereador Wilson Leite Passos a transformar em projeto de lei. Sob sua gestão financeira cada escoteiro carioca que participou do Ajuri Nacional do Rio de Janeiro em 1957 teve 50% da taxa paga pela Região.

Pela dedicação ao escotismo, Geraldo recebeu a medalha de gratidão ouro do Chile e a maior honraria brasileira que é o Tapir de Prata, além de ter participado do 1º Curso de Insígnia de Madeira. Faleceu aos 61 anos em 09/03/1974.

Em 1974, com a fusão dos Estados do Rio de Janeiro e o da Guanabara, ao ser inscrito na nova Região Escoteira do Rio de Janeiro o Grupo Escoteiro São Pedro de Cascadura recebeu o numeral 19 e somente em 1992 recuperou sua antiga numeração, o 3º.

A partir de 1974 assume o Grupo a chefe **Estella Maria da Silva Medeiros**, que ingressara na década de 60 ao levar seus filhos para serem lobinhos, tornando-se uma das escotistas da alcateia e Akelá. Substituiu o chefe Geraldo como Chefe de Grupo exercendo por quase 40 anos a função com altivez e instinto materno, até seu falecimento em 2004.

Em 1981, partiu do Clã Pioneiro do São Pedro a iniciativa do 'Projeto Acervo Cultural' que envolvendo cada vez mais pioneiros e autoridades escoteiras fomentou a criação do CCME (Centro Cultural do Movimento Escoteiro), em 1985.

Após um período de transição com tropas separadas de meninos e meninas em 1998 o Grupo adota efetivamente o sistema de tropas mistas. Desde o Chefe Geraldo, passando pela Chefe Estela, por muitas vezes o Grupo foi persuadido a retirar a designação religiosa de "Católico", porém todos os chefes de Grupo o mantém e sua prática, e a tradição, centenária.

Outra tradição que vem se perpetuando ano a ano foi mantida no último dia 6 de abril quando o Grupo comemorou seu centenário de fundação com uma **Missa** seguida de almoço festivo no salão paroquial, ocasião em que colocaram a **centésima estrela na bandeira do Grupo**.



Estella Maria da Silva Medeiros



Missa comemorativa - 2025



100ª estrela - 2025



CURSOS E EVENTOS



BANOR PASSA POR REVITALIZAÇÃO

No sábado, 15 de março de 2025, aconteceu a reinauguração da BANOR (Base Noroeste dos Escoteiros do Mar), na Ilha do Governador. Compareceram ao evento: André Torricelli, Coordenador Regional dos Escoteiros do Mar do Rio de Janeiro e presidente do CCME; André Leonardo, Diretor Presidente da Região Escoteira do Rio de Janeiro; representantes de vários Grupos Escoteiros e representante do Comandante do 1º Distrito Naval, Capitão de Mar e Guerra Renato Vieira Melgaço.

A reinauguração dessa base como um ponto de reparo e manutenção das embarcações dos Escoteiros do Mar, será muito importante para que os jovens do Movimento Escoteiro tenham as embarcações adequadas, apropriadas e em boas condições para conduzirem suas atividades. Além disso, no local, fica sediado o 71º GEMar Almirante Waldemar Motta, que é um Grupo com quase 70 anos de existência. Foi da BOR, e da BANOR, que vieram a maior parte do

acervo inicial que constituiu o CCME. Ainda hoje possuímos farto acervo da BANOR.

A antiga Federação Brasileira dos Escoteiros do Mar, uma das fundadoras da União dos Escoteiros do Brasil em 1924, deixou naquela época um legado importante com suas Bases Navais espalhadas por todo o Brasil. Na Baía de Guanabara, destacaram-se a BOR (Base Oeste Rio), a BL (Base Leste) e a BANOR (Base Noroeste), além de outras instalações na Ilha de Paquetá, Galeão e Itacuruçá.

Erguida na década de 70, o 71º Grupo Escoteiro Almirante Waldemar Motta, fundado em 1957, passou a abrigar a BANOR. A base foi essencial para a continuidade dos Escoteiros do Mar após o fechamento da BOR, que perdeu o acesso direto ao mar devido à ampliação da Avenida Brasil. Com a desativação da BOR, a BANOR tornou-se o novo ponto de referência para as atividades dos Escoteiros do Mar, especialmente no que diz respeito à manutenção e reparo das embarcações porém nas últimas décadas veio sendo relegada a segundo plano, sem os devidos investimentos.

A BANOR foi mantida sob a gestão do CONAMAR (Coordenador Nacional dos Escoteiros do Mar) e do grupo 71º com vários altos e baixos. Com o retorno das atividades após a pandemia, a base passou por um processo de revitalização. Em 2024, a Assembleia Regional dos Escoteiros do Rio de Janeiro aprovou um investimento para garantir a reativação plena da base.





CURSOS E EVENTOS

CURSO DE OCEANOLOGIA ENSINA E CONSOLIDA OS CONHECIMENTOS SOBRE O MAR

Como parte do programa “Oceanologia para Escoteiros do Mar”, iniciado em dezembro, o CCME promoveu mais uma atividade especial durante as férias de janeiro: o Curso de Oceanologia, que teve como objetivo apresentar o mar a 11 adolescentes. O curso começou com duas aulas teóricas realizadas nos dias 21 e 22, na Sala Almirante Benjamin Sodré, na sede do CCME. A bióloga marinha Natasha Renz conduziu a instrução com grande didática escoteira, abordando temas fundamentais para a compreensão dos mistérios do oceano.

PRIMEIRA SAÍDA PRÁTICA – 28 de Janeiro. Na primeira atividade em campo, a turma visitou Niterói, explorando os arredores da Ilha de Boa Viagem, sede do 4º Grupo Escoteiro do Mar Gaviões do Mar. Os participantes puderam observar de perto o ecossistema local – cracas, mariscos, conchas e formações rochosas – enquanto realizavam jogos escoteiros voltados à percepção ambiental.

Em seguida, foram ao Mercado de São Pedro, na Ponta D’Areia, onde aprenderam sobre o sistema da pesca. Com o apoio da administração, interagiram com os vendedores de pescado e realizaram atividades práticas relacionadas ao tema.

A experiência continuou na Diretoria de Hidrografia e Navegação (DHN), onde, guiados pela Marinha do Brasil, conheceram o processo de elaboração das Cartas Náuticas e outras pesquisas oceanográficas. O ponto alto da visita foi a oportunidade de explorar o Navio Hidroceanográfico Cruzeiro do Sul.

SEGUNDA SAÍDA PRÁTICA – 29 de Janeiro. No dia seguinte, com o apoio logístico do Comando do 1º Distrito Naval, o grupo visitou a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Lá, foram recebidos pelo projeto de extensão Exposição Árvore da Vida, participando de diversas atividades interativas. A oficina “A Vida no Costão Rochoso” proporcionou um contato direto com pesquisadores e organismos marinhos, aprofundando os conhecimentos adquiridos em aula.

À tarde, o curso teve um encerramento em grande estilo no AquaRio. No maior aquário marinho da América do Sul, os participantes realizaram pesquisas, participaram de jogos escoteiros e observaram de perto diversas espécies marinhas, sendo monitorados por especialistas.

FORMATURA E DIPLOMAÇÃO. Aconteceu na Assembleia Geral Ordinária do CCME no dia 26 de março de 2025, no auditório da Diretoria de Portos e Costas. A reunião foi presidida pelo Almirante de Esquadra Marcelo Campos acompanhado do presidente do CCME, chefe Andre Torricelli, e o Presidente Nacional da União dos Escoteiros do Brasil, chefe Ivan Nascimento. A diplomação dos alunos dos cursos de férias do CCME, foi um momento de felicidade a parte para os nossos alunos.



FOTO HISTÓRICA (ACERVO DO CCME)



Comandante Borba – então presidente do CCME e CONAMAR - velejando no escalier BP, no seu lançamento ao mar - 1990.

Na foto com ele, à esquerda, o chefe Jorge Lopes.

TROPA ESCOTEIRA DO 51º GEAR 14BIS

Registramos a visita da tropa escoteira do Grupo de Escoteiros do Ar 14BIS, da vila de oficiais da Aeronáutica, ao CCME, no dia 29/01/25. Nesse período de férias escolares a tropa resolveu vir ao corredor cultural do centro do Rio, e neste passeio, compareceu ao CCME.



CURSOS E EVENTOS

CURSO DE PRIMEIROS SOCORROS VISITA O CBMERJ



Em seu 11º ano, o Curso de Primeiros Socorros do CCME aconteceu nas férias de janeiro ajudando a preparar mais uma leva de adolescentes e jovens a adquirir bons conhecimentos de primeiros socorros, colaborando assim com emergências como os escoteiros costumam fazer.

Iniciado no dia 10 de janeiro com aulas às sextas e sábados, no dia 17, ocorreu a aula prática no Quartel General do Corpo de Bombeiros do RJ (CBMERJ). Logo na chegada os escoteiros foram recebidos com uma calorosa saudação do Secretário de Estado de Defesa Civil e Comandante dos Bombeiros, Cel Tarcício Salles Jr, que fez questão de cumprimentar e dirigir uma breve palavra à juventude.

Em seguida, foram levados para uma apresentação da Orquestra dos Bombeiros do RJ, na Sala de Música, ocasião em que assistiram a um belíssimo repertório de apresentação musical preparada especialmente para as crianças e os adolescentes. As músicas além das clássicas, também perpassaram temas de filmes infantis bem familiares à garotada.



O ponto alto da instrução foi a visita ao Carro do Bombeiros onde os alunos puderam conhecer os diversos mecanismos que são utilizados para salvar vidas e apagar incêndios. E logo após, os instrutores do CBMERJ transmitiram seus valiosos conhecimentos para os nossos jovens escoteiros.

CURSO DE NÓS, VOLTAS E ARTES DA MARINHARIA PARA INICIANTES

O Curso de Nós, Voltas e Artes da Marinharia para iniciantes aconteceu em janeiro, durante quatro manhãs das férias, e foi encerrado na sexta-feira 17/01/2025 diplomando quatro lobinhos que aproveitaram suas férias para aprender e desenvolver as habilidades. Ao final do curso fizeram um quadro de nós para cada um.

Os lobinhos Ana, Catarina, Antonio e Daniel iniciaram a semana aprendendo temas como tipos de cabos e nós básicos. Ao longo da semana foram evoluindo a dificuldade, treinando os nós e voltas, aprendendo sobre as simbologias marinheiras e itens utilizados nas Artes da Marinharia. Eles também aprenderam a aduchar de três formas diferentes e puderam fixar o conteúdo ensinado.



O diretor do curso e presidente do CCME, Ch Andre Torricelli, relatou que foi gratificante poder estar essas quatro manhãs com as crianças durante toda a semana e ensinar-lhes conceitos básicos sobre as artes da marinharia e o manuseio dos cabos para nós e voltas. Comentou que o aproveitamento das quatro crianças foi muito bom e que é importante a familiarização desde cedo com os temas marítimos.

MEDALHA DO CENTENÁRIO DA UEB



Durante a sessão solene da Assembleia Regional da UEB-RJ entregou a MOEDA DO CENTENÁRIO aos Grupos Escoteiros que estiveram na sua fundação em 1924 e que ainda permanecem ativos.

Citamos os Grupos que compareceram para receber a lembrança: 01º GE João Ribeiro dos Santos (antiga Associação Guilhermina Guinle – escoteiros do Fluminense); 02º GE São João Baptista da Lagoa; e 10º Grupo de Escoteiros do Mar. O CCME esteve representado na mesa da Sessão Solene, pelo vice presidente André Sá.



O PREÇO DA VITÓRIA

Revista Alerta, nº 2 - 1927

Gelmirez de Mello
"Polvo Marinho"



Vinha sendo anunciada com insistência, em todos os jornais, a grande competição escoteira. Consistia em a mesma de oito provas, quatro escoteiras e quatro atléticas, todas elas do Regulamento da U.E.B.

Apresentaram-se assim todas as tropas, na medida dos seus brios, para esse grande prélio que se ia ferir a 13 de fevereiro, na Quinta da Boa Vista.

Ao lado das grandes tropas, daquelas cujas efetivos sobe a cem, duzentos, trezentos escoteiros, labutavam também as pequeninas, cujo efetivo desce de saltos a vinte, quinze, e a menos ainda muitas vezes.

Alistava-se entre estas últimas, o meu humilde carreiro de formigas, um grupinho de vinte pirralhos, beirando quase todos, dos onze aos quatorze anos. Aquilo, porém, que nos faltava em número e tamanho, - seja-nos lícito proclamar - sobrava em brios, amor próprio inexcusável e uma grande vontade de vencer.

Na última instrução de janeiro, quinta-feira, 27, dado o apito de reunir, a tropa formou em ferradura e ficou imóvel, silenciosa, atenta a voz do chefe. Eu estava na abertura, entre os dois extremos, com aliás é de costume.

Coração batendo com força, rompi o silêncio que havia, com esse pequeno discurso:

Meus queridos escoteiros... Cada vez que uma tropa compete, entra com ela em jogo, a honra de todo o Grupo. O escoteiro é um grande homem porque tem grandes brios. O sacrifício só aterroriza aos covardes! Alerta, brava gente, nós nos precisamos sacrificar pela honra do 10º Grupo, a tropa do nosso amor, da nossa fé, do nosso entusiasmo, e eu, vosso chefe enquanto me amarem, enquanto me quiserem, vosso irmão mais velho que sempre ocupa, o posto mais penoso de todas as horas difíceis, resolvi determinar-vos instruções diárias, de 1 a 11 do corrente! Sei que cada um de vós tem suas obrigações diárias e que já é muito vir aqui duas vezes por semana, mas haverá entre nós quem ignore porque dou tal ordem? (silêncio)

E concluí:

Aquele, entretanto, para quem isto represente um sacrifício maior que as suas forças, que dê dois passos à frente!!! Será dispensado!!!...

A tropa não se moveu. Olhei um por um e todos suportaram o olhar investigador. Atitude serena, olhos brilhantes, um silêncio de morte, lá estavam todos, unidos como um só corpo, dispostos à mesma luta em prol da causa comum. Então detive a vista no pessoal do bairro mais longínquo, aquele que para frequentar pontualmente as instruções teria de exercitar a paciência com uma hora de

bonde na vinda e outra hora na volta. Entre estes estava um, tão pobrezinho, que só há poucos dias pudera comprar as botas que agora calçava... Ninguém melhor do que eu sabia da sua situação financeira. E porque me causasse verdadeira surpresa a sua atitude, perguntei-lhe admirado:

- Tu também?!

- Eu, também, chefe!

Maravilhado mas incrédulo com a afirmação da criança, logo que finalizei os treinos chamei-o de parte:

- Como contas vencer tanta coisa?

- Vencendo...

- Mas como?!

- Olha chefe... Não se apoquente... Conte comigo. Eu sempre venço as minhas dificuldades... Confie no que lhe digo.

- Não. Isso não pode ser... Há de permitir ao teu chefe que te ajude...

- Não necessito.

- A palavra de um escoteiro é sagrada... não te esqueças...

- Necessito, é verdade, disse ele meio encabulado... Necessito, mas não aceito!

- Todavia, retruquei-lhe eu, lembra-te sempre de mim... Chefe, irmão, um pouco de alma de mãe, tudo isso eu sou para a tropa... Por ti arriscaria a própria vida, sem um minuto de hesitação... E o faria sorrindo, feliz...

- Obrigado, chefe...

Foi uma cena curta e emocionante aquela. Lastimo não saber reproduzi-la melhor. Nós estávamos ambos tão comovidos que tínhamos ao fim os olhos rasos d'água. Mas, mesmo assim, ele sorriu, o sorriso valente dos que sabem sorrir. E foi sorrindo que se afastou, os olhos marejados, três dedos em saudação, dizendo docemente com sua voz mal segura, tremendo de emoção:

- Alerta!

E eu vi naquele instante, que o terei ante meus olhos, a minha vida inteira, a vitória sorrir, há dois passos apenas, do meu bravo carreiro de formigas.

Os treinos começaram. Infelizmente, porém, fui logo atacado por uma gripe terrível que durou até o dia 20. Mas, fato que muito me amoleceu o corpo,



**O PREÇO DA VITÓRIA** **Revista Alerta, nº 2 - 1927***Gelmirez de Mello
"Polvo Marinho"*

jamais pode amolecer a fibra. A tropa correspondia aos esforços do chefe. Ninguém faltava. Na antevéspera da competição recebi uma carta do Comandante Sodré, secretário técnico da U.E.B. declarando-me não haver recebido a nossa inscrição e me pedindo vinte marmitas emprestadas para que os concorrentes a prova de fogo, concorressem todos em igualdade de condições. No sábado, véspera do dia tão ansiosamente esperado, depois de mil e uma peripécias, avistei-me afinal com o Comandante. Renovei a inscrição, prometi-lhe as marmitas e voltamos juntos de Paquetá na mesma barca até a praça 15, onde o Antonio, de tocaia, sem almoço, fiel como um cão, aguardava a minha chegada. Eram treze horas. Antonio é o monitor da patrulha das gaivotas, um rapaz vivo e inteligente, de treze anos. Tem a seu cargo, na sede, a seção de mobilização, um trabalho pratico, por meio do qual se mobiliza toda a tropa, em quatro horas apenas. O fiz almoçar primeiro, o que ele não queria, encarregando-o depois de avisar aos chefes de zonas, para que estes por sua vez avisassem aos respectivos núcleos que o Grupo estava inscrito e que todos deveriam comparecer no dia seguinte, domingo, às 6:30, na sede, para estarmos às 8, na Quinta da Boa Vista.

E assim foi. Ninguém faltou. Viajamos de bonde. Era um "Praça Mauá", tipo caixa de fósforos, cuja modéstia tão bem se casava a modéstia da nossa tropa. Saltamos no Mangue e fizemos o resto da caminhada a pé. Na avenida Pedro Ivo encontramos a tropa de Paquetá com a qual entramos juntos na Quinta. Eram oito horas precisamente e eu exultei com a nossa pontualidade escoteira. Exultei também ao ver a jovialidade da minha gente que havia feito uma caminhada penosa transportando às costas todo o material de campo e ainda mais, vinte marmitas para os concorrentes à prova de fogo, marmitas nossas, muito limpinhas e destinadas a voltarem sujas para nós as limparmos de novo.

Não estou alegando o que fizemos e muito menos me lastimando. Foi esta, antes, a maior honra do dia que obtivemos. Ser útil aos outros e sobretudo a Instituição Escoteira, é a única glória que um escoteiro pode alcançar. Narro apenas o espírito de sacrifício que presidia aos membros da tropa num momento como aquele que outras tropas havia, que só cuidavam de si.

Iniciadas as provas, tive a honra de ser chamado pelo júri para auxiliá-los em quase todas elas. Abstraí-me portanto da minha responsabilidade de chefe para só pensar nas minhas responsabilidades de juiz-auxiliar. E tanto isso é verdade que, menos as provas de nós e fogo, vim a saber do resultado das outras, à tarde, quando o júri se pronunciou.

Nesta ocasião nós estávamos formados em quadrado, chefes ao centro, em frente da bandeira.

Grande massa popular, parentes dos escoteiros, reservistas do Exército, senhoras e crianças, homens de todas as classes, de todas as idades, serviam de moldura aquele lindo quadro.

Pressentindo a vitória, eu estava possuído de forte comoção, e tinha, sem mesmo saber por que, uma grande vontade de chorar.

Foi arriada a bandeira solenemente e todos nós cantamos o nosso hino com grande alma.

Depois, falou o chefe Azambuja Neves que era o árbitro. Sóbrio, mas elegante, conservou-nos deliciosamente presos à sua palavra durante dois minutos. Passou por fim ao resultado da competição. Leu os resultados de cada prova, leu as classificações dos primeiros, segundos e terceiros, leu as classificações dos primeiros, segundos e terceiros lugares, leu os pontos obtidos pelas tropas presentes e leu as observações mais notáveis, até que chegou ao resultado final, ao conjunto geral dos pontos obtidos pelos concorrentes, proclamando, em voz alta, vencedor do grande combate, meu pequeno carreiro de formigas, detentor do primeiro lugar, com 21 pontos. Seguiam em 2º e 3º lugares o Botafogo e o Fluminense, com 11 e 8 pontos respectivamente. Depois vinham por escala, as outras tropas que concorreram, com as suas colocações.

Alguns chefes me abraçaram logo. E eu estava entalado. Mal podia tartamudear um agradecimento. Skinner, chefe do Fluminense e um dos diretores da União, foi ao meio do quadrado e comandou o grito de guerra da U.E.B em nossa honra. Eu tive então de vencer a mim mesmo. Fui a testa da minha tropa e comandeí três anauês do mais profundo reconhecimento. Depois, rompendo o silêncio que se havia feito, coração a pulsar desordenadamente, os olhos rasos d'água, dirigi-me assim mesmo entalado, aos meus escoteirinhos:

Escoteiros do Mar do 10º Grupo, meus queridos irmãos de crença: - conto convosco! Espero que vos não envaideçam-se com a vitória que obtivemos a custo de tantos e tão grandes sacrifícios que só nós e Deus sabemos. Pensem nisto tudo com muita simplicidade, e, se algum orgulho nos for lícito ter, tende, o de haveres contribuído, embora modestamente, para o bom nome de vossa Federação. Escoteiros: - Alerta! Viva o Brasil!



CENTENÁRIO DO GUIA DO ESCOTEIRO

A primeira edição do livro escrito pelo Almirante Benjamin Sodré, o Velho Lobo, foi produzida em 1925, às expensas dele. Na época existia uma carência muito grande de literatura escoteira no Brasil e o *Scouting For Boys* ainda não havia chegado por aqui. Além disso o Velho Lobo atualizou o livro, e produziu mais exemplares, em edições seguintes, tratando de distribuí-las pelos cantos do Brasil. A existência da literatura nacional de orientação foi um ponto chave para a organização do escotismo e a compreensão das atividades feitas pelos escoteiros. É por este motivo que o livro centenário é chamado de "O Escotismo para Rapazes brasileiro". A experiência de Sodré, que o gabaritou para escrever o manual começa em 1913 quando adquire um livro francês sobre escotismo, em um cebo no centro do Rio de Janeiro. Dali ele passa a adquirir diversas literaturas estrangeiras e em 1916 cria a Seção de escotismo no Botafogo FC. Em 1919 no Pará, ocasião em que regulamentou o escotismo na Liga de Esportes Terrestres do Pará incentivando a organização de grupos nos Clubes filiados e forma o primeiro Grupo de Escoteiros de Belém, no Instituto Lauro Sodré (Escola Profissional do Estado), no Colégio Nogueira Travassos, em Soure, em Pinheiro. No mesmo ano ele compareceu ao início da Missão do Cruzador José Bonifácio, levando sua tropa de terra para visitar o navio e, partiu dele a sugestão de incluir a organização do Escotismo do Mar brasileiro junto da organização das Colonias de Pescadores pela costa brasileira. Em 1921, fundou a Confederação Brasileira dos Escoteiros do Mar. Em 1924, a União dos Escoteiros do Brasil. Em 1922, reorganizou a seção escoteira do Botafogo FC e em 1924 o Grupo de Escoteiros do Mar em Paquetá. Dedicou-se inteiramente, de alma, a missão de divulgação e crescimento do escotismo.

Transcrição do Prólogo do livro, por Sodré:

"A RAZÃO DE SER DESTE LIVRO

Um dos maiores tropeços que encontramos, nós, os que viemos lutando por essa grande campanha em prol do escoteirismo, é a falta de livros escoteiros. Quantas boas vontades perdidas, quantas capacidades desviadas por não se ter um livro para lhes por nas mãos?! De há longos anos entregue a esse movimento de propaganda ativa, não se contam as vezes que, desanimado, sentimos essa falta. Na direção de tropas distantes, então, ficamos restringidos a uma orientação por correspondência, falha, insuficiente, incompleta.

Reunindo algumas das publicações que há três anos vimos fazendo pela revista "O Tico-Tico", refundindo-as, ampliando-as, oferecemos aos chefes e escoteiros, este modesto trabalho.

O escoteirismo em outras terras já está de tal modo difundido e estudado, são tantas as publicações, algumas de notáveis educadores, que pouca coisa se pode criar de novo. Assim, os que conhecem bem o movimento não terão surpresas lendo as nossas páginas. Estão aqui, reunidos, conselhos e sugestões de velhos chefes.

Mas seria uma falsa modéstia negar que há alguma coisa de original, que nos deu a experiência de seis anos de prática ativa de escoteirismo, passados quase totalmente na direção de tropas.

Enfim, qualquer que seja a impressão de quem o ler, rogamos tolerância para o nosso trabalho. Nos animou, reunindo estas páginas, o desejo exclusivo de concorrer para a difusão do movimento escoteiro, no qual depositamos uma confiança ilimitada, quanto à influência que há de ter nos destinos da nossa Pátria.

Benjamin Sodré ("Velho Lobo")

Nota: Por uma questão de disciplina, obedientes a uma decisão da União dos Escoteiros do Brasil, que, de conformidade com o parecer da Academia de Letras, adotou como expressão oficial a palavra escoteirismo, passamos a usá-la."



CENTRO CULTURAL DO MOVIMENTO ESCOTEIRO

Rua Primeiro de Março, 112 - Centro - Rio de Janeiro - RJ | www.ccme.org.br

DIRETORIA CCME

CONSELHO – AE Marcelo Francisco Campos
ASSEMBLEIA – AE (Rm1) Mauro Cesar Pereira
PRESIDENTE – Andre Torricelli F. da Rosa
VICE-PRESIDENTE – André Gustavo S. Sá
VICE-PRESIDENTE – Erval Allemand S. Filho

ACERVO – Maria Cecília Rodrigues
ADMINISTRATIVO – Renato Pimenta
CULTURAL – Marta Caminha
GRÊMIO DE VELA – Paulo Farias

Memória Escoteira é um informativo do CCME, distribuído para mais de 4.000 pessoas

Projeto Gráfico e Diagramação - Gen Criativo - gencriativo@gmail.com - [gencriativo](https://www.instagram.com/gencriativo) [gencriativo](https://www.facebook.com/gencriativo)

